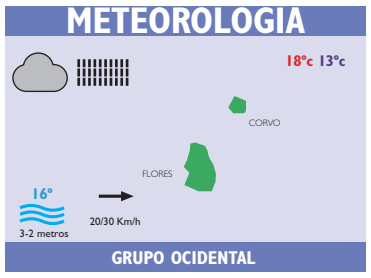
PUBLICIDADE

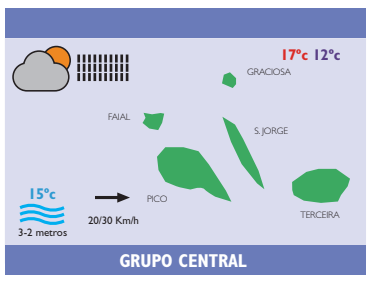
PUBLICIDADE

METEOROLOGIA



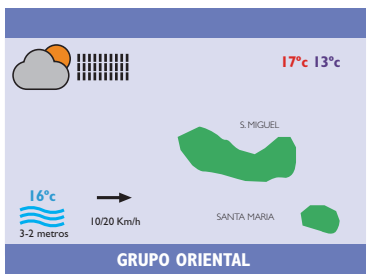
GRUPO OCIDENTAL

Céu geralmente muito nublado. Neblinas. Vento oeste moderado (20/30km/h), enfraquecendo. Mar de pequena vaga tornando-se encrespado. Ondas oeste de 3 metros, passando a noroeste e diminuindo para 2 metros. Temperaturas previstas para Santa Cruz das Flores: Mínima 13ºC; Máxima 18ºC; Água do mar 16ºC.



GRUPO CENTRAL

Períodos de céu muito nublado. Neblinas. Vento oeste bonançoso a moderado (10/30 km/h), rodando para noroeste. Mar de pequena vaga a cavado. Ondas oeste de 3 metros, passando a noroeste e diminuindo para 2 metros. Temperaturas previstas para a Horta: Mínima 13ºC; Máxima 18ºC; Água do mar 15ºC. Temperaturas previstas para Angra do Heroísmo: Mínima 12ºC; Máxima 17ºC; Água do mar 15ºC.



GRUPO ORIENTAL

Períodos de céu muito nublado. Condições favoráveis à formação de neblinas. Vento oeste bonançoso (10/20km/h), rodando para noroeste ao fim do dia. Mar de pequena vaga. Ondas oeste de 3 metros diminuindo para 2 metros. Temperaturas previstas para Ponta Delgada: Mínima 13ºC; Máxima 17ºC; Água do mar 16ºC.

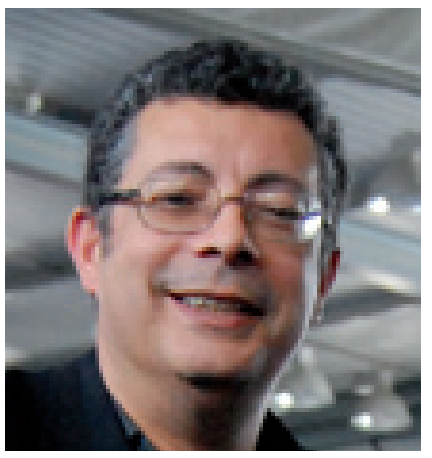
DADOS DA DELEGAÇÃO REGIONAL DO INSTITUTO DE METEOROLOGIA.

ANTÓNIO LUCAS, PRESIDENTE DO SINDICATO DOS PROFESSORES DA REGIÃO AÇORES

Trabalhador que não luta só pode esperar a derrota

Ainda faz algum sentido comemorar o 1º de Maio em Portugal e em particular nos Açores?

As comemorações do 1º de maio no continente, sempre tiveram maior expressão nos grandes centros urbanos onde se concentra a população operária. É verdade que, desde as grandes manifestações dos anos que sucederam ao 25 de abril de 1974, esta festa dos trabalhadores entrou em declínio. No entanto, relembro que nos últimos anos a CGTP-IN conseguiu colocar na rua, em várias manifestações, mais de 100 000 trabalhadores e a FENPRO fez duas manifestações com mais de 100 000 professores, demonstração clara de que o movimento sindical se mantém ativo e com forte adesão dos trabalhadores às sua iniciativas. No caso particular dos Açores, o facto de uma parte significativa da sua população ativa depender da lavoura e de não existir uma verdadeira proletarização da população será, sem dúvida o principal motivo para a fraca adesão dos trabalhadores açorianos ao 1º de maio.



A que atribui o facto de os trabalhadores já nem saírem à rua naquele que deveria ser o deu dia por excelência?

Esta diminuição da participação dos trabalhadores na comemoração do seu dia, pode ser explicada, em parte, pela melhoria das suas condições de vida verificadas nas últimas décadas do século passado, permitindo-lhes usufruir do feriado de forma essencialmente lúdica. Relembro que as reduções de horários de trabalho, direito a férias pagas, subsídio de desemprego e aposentação, são direitos relativamente recentes em Portugal comparado com alguns países do norte da Europa.

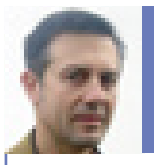
Ao fim de 36 anos de Democracia e de outros tantos primeiro de maio, o que resta de essencial das conquistas dos trabalhadores?

Nos últimos anos, sobretudo por via de diplomas legais como o código de trabalho, os vínculos, carreiras e remunerações na função pública e os contratos em funções públicas, houve uma clara desregulamentação dos horários de trabalho e um aumento significativo da precariedade. Na verdade, a globalização da economia, para o mundo do trabalho parece trazer apenas "o nivelar por baixo" nas condições de vida dos trabalhadores dos países mais desenvolvidos e um claro empobrecimento da "classe média" com o consequente enfraquecimento das democracias. Tudo parece seguir a lógica do lucro e dos interesses exclusivos dos investidores. Apesar de todos estes reveses, mantêm-se globalmente o direito de associação, a contratação coletiva, catorze meses remunerados, subsídio de desemprego, pensão de reforma, pensão de invalidez e proteção na doença.

O que se pode dizer a um trabalhador que trabalha que se pinga para levar para casa no fim do mês perto de 400 euros?

Esta situação resulta essencialmente de dois fatores: a baixa escolarização dos portugueses com mais de 40 anos e do modelo de desenvolvimento que foi seguido pelos nossos governantes baseando a nossa competitividade nas exportações nos reduzidos custos de produção com o pagamento de mão-de-obra. Este modelo, tornou-se rapidamente impraticável com a globalização e com a concorrência de economias emergentes com salários muito baixos. Quanto ao conselho para o trabalhador que leva para casa 400 euros por mês, aqui vai: sindicaliza-te , pois quem luta nem sempre ganha, quem não luta perde sempre!

TIRO&QUEDA



OPINIÃO
JOAQUIM MACHADO

Tolerância, claro!

Dentro de duas semanas Bento XVI visita Portugal. Na falta substância para polemizar a visita papal, logo a trupe do costume se eriçou, contestando a tolerância de ponto facultada aos funcionários públicos.

Uns casos de alegada pedofilia cometida por sacerdotes, com denúncia amplificada das supostas vítimas rendia, indiscutivelmente, mais tempo de antena nos media. Mas nem por isso a gentalha com pretensões de intelectualidade de baixou a pena ou deu tréguas ao descaramento.

Para substanciar a reclamação, vale toda a sorte de argumentos, alguns tão rebuscados quanto patéticos.

A gentinha, que se enfurece com critérios economicistas, desta vez até invoca razões financeiras para se opor à dita tolerância de ponto, deixando-se levar pela tentação mais infame do capitalismo. E com incontida irritação ainda nos atira à consciência o multiculturalismo e a igualdade dos credos religiosos, altruísmos que só a conveniência ideológica e da ocasião fazem invocar.

Longe de mim questionar a estes pseudo-intelectuais, exímios esquerdistas do caviar, o direito à reclamação, seja ela frenética, como é o caso, harmoniosa ou informe. Que lhes faça bom proveito. Mas não levo à paciência tanto desmando da razão. Seja-se ou não crente, sem grande esforço de inteligência, logo se percebe a diferença entre o líder mundial da comunidade católica e um chefe de Estado, por mais rico e poderoso que este seja.

Não querem usufruir da tolerância de ponto? Apresentem-se no respectivo local de trabalho, com redobrada vontade de produzir tanto ou mais do que nos outros dias do ano. Com excepção, obviamente, do dia de Carnaval. Nesse, sim, há sobejas razões para descansar, digo, festejar. Eles lá sabem porquê.

PUBLICIDADE